

## **O FUTEBOL E A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA (1915-1990)**

Ms. Celso Branco<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

celsobran@gmail.com

Recebido em 31 de maio de 2009

Aprovado em 3 de setembro de 2009

### **Resumo**

Utilizando a Música Popular Brasileira produzida ao longo do século XX (1915 a 1990), este ensaio procura determinar as diferentes percepções e identificações da sociedade urbana brasileira em relação à prática do futebol e demonstrar como esse esporte ocupou papéis sociais (espaços sócio-psicológicos) específicos e cada vez mais amplos e representativos. Afirma-se aqui que o Futebol deve a sua popularidade crescente, ao fato de representar alternativas para o preenchimento de um número cada vez maior de carências psicossociais impostas pelo modelo de modernização aplicado no Brasil. A música popular, como fonte histórica, representa um documento espontâneo e ideal para esse estudo, pois ao longo de sua história se tornou veículo preferencial para a expressão das “paixões” populares brasileiras, tais como o futebol.

**Palavras Chave:** futebol, música popular, identidade cultural.

### **Abstract**

#### **Football and Brazilian popular music (1915–1990)**

Using the Brazilian popular music produced throughout the twentieth century (1915 to 1990), this essay seeks to identify the different perceptions and identifications of Brazilian urban society in relation to soccer practice and demonstrate how the sport has held roles (the social and psychological) specific and increasingly broad and representative. It is argued here that football owes its growing popularity to the fact that represent alternatives to fill a growing number of psychosocial needs imposed by modernization model applied in Brazil. Popular music, as a historical source, is a spontaneous and ideal document for this study because throughout its history has become the preferred vehicle for the expression of "passion" Brazilian popular, such as soccer.

**Keywords:** Brazilian soccer, Brazilian popular music, cultural identity.

---

<sup>1</sup> Celso Branco é músico, mestre em História Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC), e doutorando do Programa de Pós-Graduação de História Social (PPGHIS), ambos da UFRJ; também mantém vínculo com o Laboratório de Estudos do Tempo Presente, como pesquisador.

Da mesma maneira como se afirma que “o samba está no sangue do brasileiro”, afirma-se também que este é “o país do futebol”. A aproximação entre música e futebol ocorre de muitas formas dentro do contexto cultural brasileiro. No próprio dia-a-dia da população podemos encontrar inúmeras comparações entre as regras sociais e um jogo “afinado”. De fato, a Música Popular Brasileira e o Futebol são manifestações bastante constantes do povo brasileiro e quando unidas por “craques” da MPB refletem, com incrível precisão, boa parte do nosso imenso universo sócio-cultural e da nossa “brasilidade”. Através das letras das canções, isto é, na escolha de determinadas frases e palavras, é que se torna possível uma identificação dos papéis sócio-psicológicos ocupados pelo futebol. E que papéis são estes? Gilberto Freyre, em 1947, já havia percebido com muita clareza, um sentido psicológico coletivo para o futebol no Brasil: “O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura” (Apud SHIRTS, 1982, p. 45). Elementos irracionais por vezes bastante perigosos, como atesta o famoso jogador Sócrates: “Se não houvesse o futebol, nós teríamos outra coisa. Se não houvesse outra coisa, nós teríamos uma guerra civil a cada dia”<sup>2</sup>. Na verdade, nenhuma atividade esportiva “de massa” pode ser considerada “inocente”. O filósofo Althusser cita os esportes como um aparelho Ideológico do Estado (Althusser, 1970, p. 44-46). E os historiadores Norbert Elias e Eric Dunning produziram um interessantíssimo trabalho sobre este assunto, demonstrando que a necessidade de controle da atividade esportiva e do ócio representa uma etapa civilizacional posterior ao controle do homem sobre a

---

<sup>2</sup> “Na pele e na rede”, Folha de São Paulo, 17 set. 1980, p. 17.

natureza e a sociedade: a do controle do homem sobre si mesmo (ELIAS e DUNNING, 1992). Mas é o futebol, no caso brasileiro, confirmado pela frase do Sócrates, que ganha toda essa dimensão sócio-psicológica. Estritamente regulado pela CBD, pela FIFA, e pelas respectivas federações estaduais, o “esporte rei” insere-se na sociedade brasileira não apenas como uma instituição social, mas também política, econômica e, sobretudo cultural, no que se refere à uma identificação com a nossa brasilidade.

Para a antropóloga Simoni Lahud Guedes (1998), é hoje incontestável que, "se desejamos compreender o Brasil, é preciso passar também pelos seus campos de futebol" (p. 5). Muitas vezes valoriza-se o jogo como o único alento para as dificuldades da vida: assim diz João Lyra Filho (1973): “O povo brasileiro vale-se de um grande jogo de futebol, por exemplo, para pôr em fuga os aperreios acumulados em sua vida cotidiana” (p.284-5). Há de fato, em torno do Futebol, toda uma literatura, uma produção jornalística, programações de rádio e de televisão, etc., que reforçam essa identificação. O futebol tornou-se uma entidade, por assim dizer, "tocável", ou seja, que se relaciona com o resto da sociedade, fornecendo “lazer” e emitindo uma série de valores. Valores que aqui entenderemos também como espaços a serem preenchidos por este esporte, e que ganham dimensões crescentes a medida que percorremos a história do nosso país através do século XX. Como se identificam estes valores dentro do discurso futebolístico?

Parece claro que o discurso futebolístico traz consigo uma visão de mundo, que podemos identificar significativamente como próprio ao povo brasileiro. À vista disto, torna-se importante desestruturar a sua linguagem, para proceder à análise de seus valores e posicioná-los no quadro de interesses aos quais servem. É na decomposição da linguagem futebolística que se pode definir mais que o significado, o significante.

Vejamos exemplos: Encontram-se dentro do discurso futebolístico exemplos de linguagem, as quais à primeira vista podem parecer estranhas ao esporte. A própria multiplicidade destas formas comunicativas apontam uma série de tendências valorativas. O que ocorre é que, basicamente, não possuindo o futebol um universo conceitual próprio, ele empresta de outros campos, além de idéias, modelos de atitudes. Os fatores *sorte / azar*, por exemplo, perpassam o futebol, apresentando uma visão de mundo em que a ordem se explica através do sobrenatural. Maria do Carmo L. de Oliveira Fernández (1974), numa pesquisa sobre futebol e lingüística, nota que "quase nunca a qualidade dos times ou jogadores ou as falhas nos momentos decisivos explicam as fatalidades" (p. 56), e faz 79 citações, tiradas de jornais, de *sorte/azar* na linguagem futebolística. "Quem mais lamentava o azar era o técnico", para citar um exemplo. Esta linguagem torna-se mais significativa na medida em que revela, para o torcedor neste caso, um mundo sem ordem, ilógico ou sem explicação, e que dá sentido, por outro lado, às macumbas e mandingas tão comuns ao brasileiro até mesmo dentro dos estádios. E onde se encaixa a Música Popular?

Os grandes momentos da história do nosso futebol estão todos registrados também pela câmera sentimental e bem humorada da nossa MPB. Assim, evidenciar as várias facetas dessa relação, os diferentes momentos registrados em pauta musical pelos compositores (alguns deles grandes "peladeiros"), durante a ascensão e afirmação do futebol no Brasil, é explicitar o discurso futebolístico formado não por "especialistas" (comentaristas e jornalistas), mas por artistas populares, que se utilizam da linguagem do povo e não propriamente da linguagem técnica ou da dos jornais. Isso torna as letras das músicas documentos mais fiéis aos sentimentos populares. Vejamos algumas coincidências que reforçam essa proximidade:

A forma “abrasileirada” de jogar futebol mantém estreita correlação com outros usos sociais do corpo considerados definidores dos brasileiros, como a dança, em especial o samba e todas as danças dos rituais afro-brasileiros, a capoeira, o requebrar do famoso “jeitinho”, compondo um conjunto gestual muito vasto e característico do futebol. “O jogo brasileiro de “football” é como se fosse dança”, escreveu Gilberto Freyre (1971, p. 97), ressaltando uma observação comumente aceita. A concepção de futebol como dança encontra-se com facilidade na literatura esportiva, sendo uma grande preocupação o “ritmo” da partida e a ginga do jogador. Garrincha foi considerado, por exemplo, um dos mais primorosos dançarinos do futebol com sua conhecidíssima “ginga das pernas tortas”. A dança, a música, o carnaval, “três coisas que o brasileiro sabe fazer”, se entrelaçam com a quarta, o Futebol, para fundamentar o discurso do futebol “alegre” do brasileiro. Futebol e carnaval, aliás, duas das manifestações mais visíveis e “populares” da cultura brasileira, estão tão ligados, que às vezes temos a impressão que são duas facetas de um só fenômeno. Não há atrito entre os dois, nem contradição. Veja-se este exemplo: “O carnaval está aí. A bola cedeu lugar às cuícas e pandeiros. A rivalidade das torcidas de instala - alegre - na avenida”<sup>3</sup>. Seja na torcida uniformizada do time de futebol, seja na escola de samba, o momento de euforia e exacerbação é o que importa. A música vitoriosa no carnaval de 1953 dá uma outra mostra dessa integração na cultura nacional: a melodia de “*Você pensa que cachaça é água / cachaça não é água, não*” seria reaproveitada pela torcida do Flamengo, campeão carioca do mesmo ano: “*Você pensa que o Flamengo é sopa? / o Flamengo não é sopa não / O Mengo deu de três a zero / O Mengo já é campeão*”<sup>4</sup>. A música, sempre presente no quadro carnaval-futebol, ou seja, no discurso festivo,

---

<sup>3</sup> “Jogando por música”. Revista Placar, nº 461, 23 fev.1979, p. 22.

<sup>4</sup> “Em ritmo de Maracanã”. Revista Placar, nº 357, 25 fev. 1977, p. 23.

também se manifesta na forma de hinos em homenagens aos clubes, aos ídolos, e ao Brasil, e também na batucada das torcidas - "*Fio Maravilha*", por exemplo - e em enormes e espontâneos coros. Na Copa do Mundo de 1950, no Maracanã, a música "*Touradas em Madri*" surgiu e cresceu e tomou todas as bocas, não se sabe como. De fato, não se trata apenas de cantar no estádio. O futebol brasileiro é essencialmente musical; quase podemos dizer que não existe futebol sem música.

Paralelo à música está o "jeitinho": Várias Interpretações sobre a hereditariedade da ginga, garantem as versões do brasileiro malandro e "democrata": "O futebol institui abertamente a malandragem como arte de sobrevivência e o jogo de cintura como estilo nacional. Mas sem excluir a capacidade de jogar com técnica e força" (DA MATTA, 1994. p.17). O "jeitinho", derivado da malandragem, conferiria, desde o início do século XX, ao brasileiro "eticamente confuso", a sua marca própria: o samba seria sua manifestação rítmica e o futebol o seu esporte. "Sem esse ato de purificação", acrescenta Gilberto Freyre, em relação ao futebol, "a vida urbana tornar-se-ia violenta, estagnar-se-ia o samba e a malandragem encheria a sociedade brasileira" (FREYRE, 1964, p. vii-ix). O futebol, por todos esses exemplos, parece fornecer uma identidade nacional – que se relaciona com campanhas políticas nacionalistas, como a do presidente Vargas, por exemplo. O futebol, portanto, parece suprir a necessidade de coesão popular e ao mesmo tempo, substituir a necessidade de militarismo ou revolução - uma vez que o confronto nos campos determinava prestígios *nacionais*, da mesma forma que nas guerras.

Identificar esse tipo de substituição: o futebol ocupando o espaço de uma "carência social", e em que época ele se dá, é a atividade sobre a qual nos debruçaremos a seguir. Mas, antes cabem algumas considerações. Os chamados "detratores" do futebol

o classificam como um ópio, ou um circo através do qual a classe dominante manipula as massas na sublimação da miséria cotidiana no sucesso passageiro de um time ou campeonato internacional. Os admiradores, por outro lado, vêem o esporte como uma escada para a ascensão social, além de ser fonte de identidade de grupo e um agente poderoso para uma construtiva integração nacional. Embora os dois papéis coexistam (e até se complementem), o que se verifica é que o significado principal do futebol tem sido o seu uso pela elite para apoiar a ideologia oficial e dirigir a energia social por caminhos compatíveis com os valores sociais prevalecentes, como atestam os estudos de Norbert Elias e Eric Dunning (1992). Contudo, queremos aqui entender também o futebol como espaço de resistência e de crítica a essa direção, dotando esta modalidade esportiva com uma notória capacidade dialética, com momentos de fluxo e refluxo da capacidade organizativa da nossa sociedade e de crítica constante que ela faz sobre si mesma. Fluxo e refluxo também, dos papéis (psico) sociais do futebol. Para explicar tais afirmações, é preciso formar um quadro organizativo das fontes musicais recolhidas que tenha correspondência com a periodização compatível com a história do futebol brasileiro. Seguiremos, portanto, uma forma de análise que procura classificar por períodos e não por assuntos generalizantes, as letras das canções. O objetivo desta análise é ampliar a contextualização das músicas e dos temas, assim como âmbito psicológico coletivo referido: os “vazios” psicossociais distintos que o futebol vai procurando preencher através das décadas do século XX. A cronologia usual para a História do Futebol no Brasil (LEVINE, 1982), tem como referencial o ano de 1950, quando o amargor da derrota transformou o país num grande velório, uma vez que a tristeza era tão profunda "que não se ousava falar em todas as ruas, em todas as casas, do norte ao sul e de leste a oeste" (WITTER, 1982, p. 84). Este ano é, portanto, tomado

como um marco fundamental para essa história porque se transformou num "divisor de águas", fornecendo à população uma nova relação afetiva com o esporte e um salto na noção de profissionalismo. A cronologia utilizada aqui, contudo, se apóia em outro referencial: As letras das músicas revelam que a partir do início da década de 1930, já se verificava uma relação afetiva intensa da população brasileira com o futebol, fator que seria preponderante para a profissionalização em 1933. Também foi possível notar que a partir da efetivação do ideário do Estado Novo e com o advento da II Grande Guerra, ocorreu outra mudança bastante perceptível na forma de se abordar o assunto, uma forma que se manterá pela década de 1940. A partir de 1946 até o início da nova ditadura no Brasil, em 1964, as letras das músicas seguem grosso modo o novo padrão, que por sua vez também vai se modificar nessa década conturbada, inaugurando desta forma outro período que vai até 1979. A partir daí, algumas sutis diferenças também se estabelecem. Desta forma, resumidamente, o quadro cronológico composto para esse estudo, foi o seguinte:

- 1 - 1915 - 1930 - O futebol substituindo a guerra.
- 2 - 1930 - 1937 - O futebol substituindo a paixão.
- 3 - 1937 - 1946 - O futebol substituindo o trabalho.
- 4 - 1946 - 1964 - O futebol substituindo as grandes personalidades.
- 5 - 1964 - 1979 - O futebol substituindo a revolta social.
- 6 - 1979 - 1990 - O futebol substituindo o individualismo.

### **1915 a 1930: O futebol substituindo a guerra**

O ano de 1915 tornou-se o marco inicial dessa pesquisa, uma vez que foi a partir de uma composição deste ano, que se verificou nitidamente o papel do futebol brasileiro



como um substituto da atividade bélica. Papel que podemos verificar ainda nas composições atuais, como atestam as citações acima. Quase todas as composições desse período inicial fazem do time de futebol um batalhão de soldados em marcha para a defesa da honra ou para a busca da “glória”, numa espécie de substituição do campo de guerra. Virilidade, altivez, coragem e sacrifício são os principais atributos dos jogadores nas músicas que falam sobre o futebol nesse período, assemelhando-se, em todos esses aspectos, aos hinos patrióticos repetidos pelos exércitos desde os rompanes nacionalistas do século XIX.

O futebol é introduzido no Brasil na última década do século XIX, depois de já ter sido bastante sistematizado em sua versão moderna na Inglaterra, desde 1863. Era um momento bastante expressivo, do ponto de vista da formação da classe trabalhadora brasileira: poucos anos depois da abolição da escravidão negra, ou seja, exatamente quando se consolida a oferta de mão-de-obra livre para o capitalismo. A força de trabalho neste momento está em processo de disciplinarização (FOUCAULT, 1977) que, no caso do Rio de Janeiro, incluía a avassaladora ação de ordenamento da própria cidade nas mãos de Pereira Passos (HERCHMANN e LERNER, 1993). Surgia também nesse período, uma das novas formas de exclusão social, a produção de uma diferença qualitativa entre o trabalhador imigrante e o trabalhador nacional, opondo uma ética do trabalho estrangeira (às vezes protestante) à presumida *vadiagem* do trabalhador brasileiro. Isso agravava o clima de instabilidade social na cidade do Rio de Janeiro, que queria cada vez mais parecer-se com Paris. Mas são justamente estes trabalhadores imigrantes, em especial os ingleses, chamados a ocupar posições qualificadas no processo produtivo, que iniciam a difusão do futebol entre os operários brasileiros. Ao mesmo tempo, que jovens ricos, regressando de estudos ou lazer na Europa, traziam em

suas malas, bolas e os manuais de regras futebolísticas. Os jornalistas, animados pelas conotações simbólicas de confrontações entre times da cidade – clubes da elite e clubes de operários, como Bangu (1904) e Corinthians (1910) -, escreviam entusiasticamente sobre o esporte. O aumento da cobertura jornalística do futebol foi permitida graças a circulação crescente dos periódicos, os quais por sua vez foram ajudados pelo interesse igualmente crescente pelo futebol. Já em 1913, se produzia reportagens sobre uma única partida que chegavam a cobrir uma página inteira. Logo, todos os jornais importantes do Rio e de São Paulo empregaram repórteres de futebol em período integral. A rápida difusão do futebol em diferentes segmentos sociais, demonstra que o esporte, apesar de exigir capacidade organizativa (semelhante a de um batalhão), se adequava bem num clima instável. Ou antes, se mostrava capaz de traduzir e dissipar as divergências. A simples agregação para jogar nas horas de lazer transforma-se, em menos de uma década, na constituição de diversos clubes. Isto revela um fato social no mínimo curioso, já que dentro das representações mais comuns sobre o brasileiro nesta época se acentuava seu caráter pouco associativo, como vemos por exemplo, expresso no personagem “Jeca Tatu” de Monteiro Lobato em sua nenhuma capacidade para atividades coletivas .

O interesse pelo futebol se espalhou rapidamente nas escolas e clubes particulares dos lugares mais remotos do país, mantendo a tendência durante a República Velha, das elites rurais imitarem a cultura da cidade e em especial da capital, como sinal de “status”. Ao mesmo tempo, o futebol como esporte de participação popular começou a se espalhar pelas regiões rurais, que ficavam cheias de “peladas”, de partidas espontâneas, usualmente jogadas de pés descalços em campos improvisados ou na praia, por jovens de todos os níveis sociais. Agrupando seus adeptos por similitude,

os clubes criados para a prática do futebol tenderiam, à primeira vista, a fortalecer e cristalizar as divisões da estrutura social, de classe, de nacionalidade, de cor e, até mesmo, de faixa etária. Aos poucos, até mesmo pobres e negros também puderam aspirar por um reconhecimento local, conseguido através do futebol, mesmo que os times locais estabelecidos fossem reservados a elite. Quando da formação da primeira seleção brasileira logo se deu a representação, em todos os sentidos, dos próprios brasileiros. As vitórias e derrotas do selecionado “contaminavam” e eram “contaminadas” pelas representações sobre o Brasil e os brasileiros, gerando incontáveis avaliações sobre sua *força e fraqueza, vigor e mazelas, riqueza e pobreza*. Permitiam, em suma, atualizar dimensões consideradas positivas e negativas da identidade social de brasileiros, da mesma maneira que fariam os exércitos se estivessem em guerra. Dentro do futebol, a partir de então, nada mais comum e até hoje considerado mais normal, do que o discurso bélico. O primeiro exemplo aqui utilizado se refere ao ano de 1919, quando a Seleção Brasileira conquista o seu primeiro título de campeã sul-americana num certame realizado no recém inaugurado campo do Fluminense Futebol Clube. Para essa vitória foi composta uma canção que, permanecendo nos moldes das composições que abordavam o futebol, exaltava os grandes feitos dos atletas brasileiros como se fossem atos de heróis em batalhas. Quando o célebre jogador mulato Friedenreich e seus companheiros fizeram a volta triunfal no magnífico estádio, o compositor Feijoada fazia um samba (um gênero novo que começava a pegar), em homenagem aos grandes campeões:

Os dianteiros/ Fazem entrar/ Tiros certos / De assombrar ... / (...)  
(*Goal Brasileiro*, Luiz Nunes Sampaio e Feijoada - 1919)

Todos os hinos dos grandes times que foram compostos na década de 10 revelam essa inspiração bélica:

Flamengo, Flamengo !/ Tua Glória é lutar/ Flamengo, Flamengo !  
/Campeão de terra e mar ./ (...) (*Hino Rubro-Negro*, Paulo de Magalhães - 1919)

Alvirrubro pendão da vitória/ Que nos campos da luta se agita/ Ao bafejo bendito da glória/ Que a luta e vencer nos encita/ Alvirubro pendão desfraldado/ Sobre a moça energia do forte/ Tem em cada um de nós um soldado/ Se preciso a marchar para a morte/ América sempre na frente.

A vitória é há muito seu hall/ Vigoroso, tenaz e valente/ Passa, dribla, chuta/ Gol ! Gol ! (*Hino do América Futebol Klube*, F. Soriano Robert e Americano Maia - 1922)

Em 1925, o Clube Atlético Paulistano, com a participação do lendário mulato Friedenreich realiza a vitoriosa excursão à França, naquela que seria a primeira grande aventura do futebol brasileiro no exterior. As manchetes dos jornais de Paris se referiam aos brasileiros como “*le rois du foot-ball*”, encantados que estavam pelos dribles, “manhas e magias” da equipe brasileira. A volta ao Brasil é triunfal. Nosso país vencia uma disputa contra uma potência da Europa e o evento deveria ser muito comemorado, tal qual a vitória numa batalha. Um fox-trot composto para a ocasião repetia a linguagem dos hinos nacionalistas:

Eles lutaram e venceram / Hosanas! exclamemos aos mil/ Glórias! se dê ao nome do Brasil/ Hurras! ao Paulistano / Time invencível/ (...) (*Os Brasileiros*, Osvaldo Cardoso e Sílvio Pereira de Sá - 1925).

A linguagem bélica, que reforça a idéia do futebol como um substituto para os impulsos direcionados ao conflito armado, surgiu dentro do futebol neste começo de século e vem sendo reforçada de período em período, demonstrando que o futebol está até hoje permanecendo com essa função. Segundo Mário Filho (1946), logo após a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, o então técnico do Vasco criaria uma

“era nova na história do futebol brasileiro”, com a frase: “O campeonato é uma guerra” (p. 285). E José Lins do Rego escreveria na época que “a conquista do campeonato pelo Flamengo dera-lhe a mesma alegria da vitória de Estalingrado” (apud RODRIGUES FILHO, 1946, p. 300). Aos poucos, os jogadores se tornam “soldados”, “sargentos”, “tenentes, majores, capitães, coronéis, e mesmo generais” (RODRIGUES FILHO, 1946, p. 286). Como todo bom soldado, o jogador brasileiro precisa de “garra”, de “raça” e amor à pátria. O capitão-gerente e técnico da seleção brasileira, Cláudio Coutinho, na década de 70, chegou a verificar, antes de uma partida internacional, se todos os seus “comandados” haviam decorado o Hino Nacional (SHIRTS, 1982. p. 97).

Até hoje verificamos uma tendência para o aspecto grandioso na ritualização futebolística: saudações, hinos, uniformes (inclusive na torcida), slogans, gritos de guerra e a relação com o consumo de bebidas alcoólicas; tudo isso, constitui uma essencial aparência festiva. Bons jogos exigem um clima de festa (PANZERI, 1976, p. 48), necessário para haver a expurgação de um mal-estar social: um momento de alívio daquele mal-estar da civilização, que o pensamento freudiano e os movimentos artísticos modernos, expressionista, dadaísta e surrealista, entre outros, estavam a deixar claro para quem quisesse observar. Daí a importância dos campeonatos, daí a importância do futebol - o aspecto redentor. A redenção está na identidade: na identidade com o nacional, no caso de jogos entre seleções de países, e na identidade do indivíduo com a sua gente, com o seu bairro, sua classe social e de certa forma também, com suas capacidades e possibilidades - tudo representado pelo resultado e desempenho do confronto entre times. E assim, caracterizando o clima de unidade, o futebol vai servindo como argumento nacionalista. O começo do século vinte foi, para o Brasil, e especialmente nas cidades, uma época de estímulos culturais e intelectuais acelerados.

Um exemplo desse estímulo pode ser verificado no que se denominou de “fenômeno dos congressos”, reuniões entre as elites para trocar informações a todos os níveis, inclusive internacionais. O futebol encaixou-se neste quadro. Ao todo, oferecia-se aos torcedores a fidelidade do grupo, o escape emocional e um conhecimento técnico que se poderia dominar sem escola ou linhagem distinta.

Embora mudanças significativas ocorressem durante os anos vinte na direção da profissionalização do futebol, o amadorismo prevaleceu durante a década. A Seleção da Copa do Mundo de 1930, a primeira competição internacional como tal, decepcionou muito os torcedores brasileiros, reforçando a sensação de "amadorismo brasileiro". A busca por bons jogadores logo fez aparecer a questão étnica da nossa nacionalidade. A dúvida apresentada aos diretores dos clubes era delicada: os jogadores desejáveis e potencialmente profissionais só pertenciam às classes altas? Fiéis à tradição brasileira de barreiras de classe, maiores que as barreiras de raça, os primeiros clubes de futebol não impediam os não-brancos, nem como sócios, nem como atletas. Mas, até o fim dos anos 20, a maioria dos jogadores era branca. Apenas alguns mulatos, com uma criação socialmente aceitável, jogavam sem incidentes. Um caso tornou-se especialmente famoso: o do mulato Arthur Friedenreich, já citado. Filho de um comerciante alemão e de "mãe quase negra" jogava no São Paulo e foi considerado o herói na conquista da Copa da América do Sul em 1919, contra a Argentina. Na verdade, Friedenreich conseguiu aceitação devido à sua família. Poucos atletas não-brancos existiam que satisfaziam os ainda rigorosos requisitos para ser sócio. De 1906 a 1922 no Rio, nenhum time com mulato ou negro ganhou o campeonato. Quando o América do Rio contratou um negro, "Manteiga", ocorreu a mudança de um bloco de sócios para o Fluminense. A ruptura definitiva com essa postura aconteceu em 1923, quando o Vasco da Gama, com

a sua diretoria frustrada pelos resultados dos primeiros sete anos do time, mandou observadores para procurar possíveis jogadores nos clubes da segunda divisão da Zona Norte. Quando a temporada de jogo de 1923 começou, o Vasco pôs em campo um negro, dois mulatos e oito brancos, os quais, segundo a imprensa, “quase não sabiam assinar os seus próprios nomes” (RODRIGUES FILHO, 1946, p. 120). A aventura funcionou exatamente como o clube esperava: O Vasco ganhou o campeonato da cidade em 1923 e repetiu a façanha em 1924. Quando a imprensa e o público aceitaram entusiasticamente o Vasco, enchendo os estádios, os clubes de elite tinham de seguir o modelo ou sair da competição da primeira divisão (RODRIGUES FILHO, 1946, p. 28).

Segundo Mário Filho, os clubes proliferavam continuamente, cada um procurando seus iguais, “cada jogador o seu meio, indo para onde estava a sua gente” (RODRIGUES FILHO, 1946, p. 14). O futebol ia se tornando mais um signo das diferenças sociais na ocupação do espaço urbano e substituindo aos conflitos próprios dessa ocupação. A cidade tornava-se agora espacialmente demarcada também pelos seus clubes de futebol, condensando e recriando conotações ideológicas ligadas aos bairros. Sob este ponto de vista, o time do Bangu ganha destaque: A singularidade do Bangu no conjunto dos clubes que nascem no mesmo momento - e daí o lugar paradigmático que ocupa na história do futebol carioca - é ter nascido como um *clube de fábrica* e ter ultrapassado os limites locais. Fazendo com que operários de regiões cada vez mais distantes se unissem em torno do time. Afinal os operários não poderiam pertencer ao time dos patrões: "O Fluminense não, nem brincando, pois era só gente fina" (RODRIGUES FILHO, 1946, p. 21).

Desta forma, gradativamente, o esporte ia se profissionalizando: Já nos anos vinte todos os clubes forneciam cama e comida para os seus atletas e deixavam os

sócios ricos dar (discretamente) prêmios em dinheiro para os jogadores considerados dignos. Quando os clubes experimentavam pagar “bichos”, às vezes deixavam os sócios zangados, embora o público não se manifestasse contra. No fim dos anos vinte, os clubes europeus, agora plenamente profissionais, começaram a buscar talentos nos times latino-americanos. Os clubes italianos, exortados por Mussolini a contribuir para o novo império romano, só aceitavam jogadores de origem italiana, a maioria das primeiras dessas importações foram da Argentina e do Uruguai, onde já existia uma fonte maior de tais jogadores. Mas o encanto de contratos prometidos mostrou-se atrativo também para mulatos brasileiros. Como resultado, Demóstenes Magalhães tornou-se (de acordo com seu novo passaporte italiano) D. Bertini, e Benedito de Oliveira Marques virou Benedicto Zacconi, emprestando sobrenome do seu sogro (RODRIGUES FILHO, 1946, p. 201). As federações de futebol do Uruguai e da Argentina logo aceitaram o profissionalismo, deixando que os clubes pagassem salários aos atletas. Isto incentivou a CBD a adotar o profissionalismo, ainda que com relutância, em 1933, dando formalmente posição de empregado aos atletas sob a jurisdição do novo Ministério do Trabalho do governo Vargas. A mudança forçou a maioria dos ainda amadores a sair dos times dos clubes, pois eles não podiam ou não queriam competir com assalariados. Três quartos do total de jogadores, em 1940, segundo Mário Filho (1946), viriam da classe baixa. A conversão foi dramática. No fim da década de 30, todos os grandes clubes já lutavam por jogadores negros, embora o Fluminense e os clubes mais aristocráticos só pusessem brancos em campo, quando possível, como os Yankees de Nova Iorque nos anos cinquenta.

A música de Ari Barroso e Nelson Petersen, *Deixa falar*, é um samba gravado por Carmem Miranda, que faz o impensado dez anos antes: exalta um atleta negro,



Leônidas, e ao mesmo tempo conclama a união entre os times, a solidariedade da raça, fazendo assim uma espécie de síntese do que estamos a dizer até aqui: Após a narração de um gol de Leônidas na voz de Ari e a sua famosa gaitinha, entra Carmem:

Todos têm seu valor/ Deixa falar !/ Este samba tem Flamengo,/ Tem São Paulo,/ São Cristóvão/ Tem pimenta e vatapá/ Fluminense e Botafogo/ Já tem o seu lugar.

Em ritmo sincopado e cantando em alta velocidade (do mesmo jeito de jogar de Leônidas, o Diamante Negro ou também Caboclinho, como era conhecido), os versos procuram resgatar a dignidade negra:

Você pensava/ Que o Diamante / Fosse Jóia de mentira/ Para tapear  
Você pensava/ Que o caboclinho fosse/ Negro de senzala/ Para se comprar  
Só porque viu que/ Ele tem um sete/ Deixou o mundo inteiro/ Em revolução  
Quando ele bota/ Aquele pé em movimento/ E chuta/ Tudo para dentro  
Não tem sopa, não. (*Deixa Falar*, Ari Barroso e Nelson Petersen - 1938)

O subúrbio começava a viver celebrações que envolviam a miscigenação tipicamente brasileira, ao invés de promover conflitos entre raças. Essa identificação iria produzir a próxima importante substituição realizada pelo futebol, e bastante incrementada durante os anos trinta.

### **Década de 30: O futebol substituindo a paixão**

Desde 1919, quando os brasileiros venceram o campeonato da América do Sul, no Rio, o primeiro de muitos que ganhariam nos anos subseqüentes, começa a se verificar o uso da referência ao futebol como numa "verdadeira paixão nacional". Mas, a impressão se incrementa quando o futebol se transforma num fenômeno de massa a partir dos anos 1930. O futebol continuava a substituir os impulsos conflituosos ou

bélicos que comentamos, mas, gradualmente, ele ia também cobrindo outras carências coletivas. Estas, por sua vez, iam surgindo em decorrência de condições sociais cada vez mais adversas impostas pelo crescente urbanismo e processo de industrialização que atingiam nosso país. Condições que poderíamos entender também como conseqüências da implementação efetiva do sistema capitalista. Simoni Lahud Guedes (1998) em seu livro *A nação e a paixão nacional*, aqui já citado, explicita bastante essa identificação (p. 43). Para a autora, o futebol no Brasil, tem cumprido um papel preponderante, produzindo experiências emocionais coletivas que propiciam inclusive a própria convivência numa comunidade moral de *brasileiros*. Os valores da torcida são colocados na busca do triunfo: apenas a vitória interessa e a festa se faz sobre a derrota do adversário, são esses os elementos extremados da paixão; o tudo ou nada. E assim, tão prazeroso e efêmero quanto qualquer paixão humana, o instante do triunfo através do futebol vai exigindo reafirmações constantes, expressas por constantes campeonatos.

De fato, podemos ver a história do futebol brasileiro como a de uma paixão nacional que fabrica continuamente *heróis e vilões, reis e comuns, lutas, dramas e glórias*. E a música popular, é claro, vai refletir esse fenômeno: Já em 1928, na Revista teatral, “É da Fuzarca”, a composição “Bangu”, cantada pela atriz Henriqueta Briebea, encontramos um exemplo dessa paixão:

Futebol é um esporte/ Que provoca sururu/ Eu sou lá da Zona Norte/ E  
torcida do Bangu / Banguá, Banguá, Bangüê/ Bangu, eu torço por  
você/ Meu bem/ Bangu, eu só quero vê/ Você vencê/ Banguá, Banguê.  
(*Bangu*, J. Cristobal - 1928)

Ao assinalar que o “*futebol é um esporte / que provoca sururu*”, essa música faz o registro de que essa modalidade esportiva se firmava como uma paixão - como uma atividade capaz de gerar conflitos, polêmicas. Isso fica visível também no *slogan* que um jovem desportista do Flamengo, Júlio Silva, conhecido por criar o bloco

carnavalesco do “*Eu sozinho*”, vai criar no ano seguinte, 1929: “*Uma vez Flamengo, sempre Flamengo*”, mote que será reaproveitado por Lamartine Babo para os primeiros versos do hino popular do clube.

A década de trinta foi também a década das paródias como as de Lamartine Babo, que em todas as suas composições bem humoradas sobre o futebol, deixou clara essa identificação passional do torcedor com seu time:

No vasto campo de teu coração/ O jogo é feito de ... combinação  
.../Tipo esportivo  
Hip ! Hip ! Hurra !/ Hip ! Hip ! Hurra !/ Gostar/ É olhar .../ É chutar/  
Na rede do coração/ Grita o vizinho quando estamos no portão:/  
Primeiro gol!/ Segundo gol!/ Papai é o juiz/ Mamãe fica perto .../ E o  
jogo prossegue incerto .../ Mas quando o velho marca/ Um encontro  
pra depois .../ O jogo empata/ De dois a dois ...  
(2 x 2 - Lamartine Babo - 1934)

Outro exemplo: em dezembro de 1937, numa marchinha de Carnaval, Nássara e Ari Barroso, intitulada “*Chiribiribi Quaquá*”, também se utilizam de imagens do futebol para descrever um frustrado caso de amor. Como era comum nas composições carnavalescas da época, os autores deixam subentendidas as segundas intenções dos versos:

Chiribiribi quaquá/ Chiribiribi quaquá/ Chiribiribi quaquá/ Nosso  
amor há de ser campeão/ Chiribiribi quaquá/Chiribiribi quaquá/ O  
juiz, o juiz é o coração/ Eu procurei fazer um gol no teu amor/ (...)  
Fiquei nervoso e perdi a direção/ O juiz apitou sem ter razão (ouve-se  
um apito)  
O juiz, o juiz é um ladrão/ Pra que o juiz marcar o jogo entre nós  
dois?! Se vale foul, vale off-side e bofetão/ É melhor o juiz lamber  
sabão/ Oh!/ O juiz, o juiz é um ladrão. (*Chiribiribi Quaquá*, Ari  
Barroso e Nássara - 1937)

E assim vemos o futebol se relacionar com a paixão, seja para substituí-la quando de sua ausência, seja como modelo quando da necessidade da sua reprodução. De qualquer forma o futebol não era mais uma disputa qualquer e agora assistimos à sua vertiginosa ascensão sobre os outros esportes, antes mais comentados pelos jornais,

como a corrida de cavalos, o tiro ou o remo. O Depoimento de “Amadeu”, que está no livro de Eclea Bosi (1979), nos dá um testemunho "emocionado" de como se espalhou rápido o "amor" pelos times:

Hoje não jogam nem dez por cento daquilo que jogavam naquele tempo, por falta de campo, de lugar. Não tem onde jogar. Em cada bairro se fazia um campeonato, juntavam dez ou vinte clubes. Ali era uma coisa! O jogo da várzea era o que atraía a maior parte do público. De grande havia o campo da Ponte Pequena, do Corinthians velho, e o campo do Sírio. Depois veio o Parque Antártica e o Parque São Jorge. A gente dizia: “Em que parque vamos jogar?” Não tinha ainda estádio, era campo livre, ninguém pagava pra ver. O Pacaembu veio mais tarde, acho que em 38 ou 40. Aí começou a massa, antes o pessoal estava espalhado nas várzeas e nos bairros jogando mesmo. (p. 88-89)

Aparecia, no final da década, o fenômeno das grandes massas em grandes estádios como o Pacaembú. O estádio do Vasco seria utilizado inúmeras vezes pelo governo Vargas, para promover festas cívicas equiparáveis às festas coletivas associadas ao futebol. A paixão começou a correr solta. Tanto, que passava agora, a ser uma preocupação para o Novo Estado, já que começava a transbordar do período reservado ao ócio e passava a ocupar também o venerado e "imprescindível" período de trabalho, contrariando desta forma, "os interesses nacionais", na visão do novo governo.

### **1937 a 1946 - O futebol substituindo o trabalho**

À medida que o trabalho, sob as novas formas do capitalismo, foi tendendo cada vez mais estruturalmente, à padronização, foram restando poucos setores onde essa atividade poderia se transformar em fonte de satisfação pessoal, ou onde poderiam exercitar seus saberes. O futebol como local de resistência acresce-se, assim, de importância e significado como espaço de criação e recriação da cultura dos trabalhadores. Tal importância é muito bem sumariada por Alba Zaluar (1985):

E é no local de moradia, nas associações reivindicatórias e agremiações recreativas, nas praças, esquinas e bares, na rua e na casa que transcorre este vasto processo dinâmico de formação cultural, tornando o mundo denso de significados nem fixos, nem finais, nem únicos. (...) A heterogeneidade econômica, do ponto vista dos lugares que ocupam no processo produtivo, cede lugar às múltiplas práticas cotidianas das classes populares, à troca de experiência de subalternos, aos múltiplos modos de oferecer resistência à dominação, à construção de uma identidade social mais ampla do que a de classe operária - a de trabalhadores pobres, assim como à ramificação de um vasto sistema de comunicação social que une as ruas do mesmo bairro, os bairros pobres da cidade entre si e o Rio de Janeiro com outras cidades próximas. (p. 50).

A classe trabalhadora tem no futebol um de seus espaços de negociação: na dissertação de mestrado de Simoni Lahud Guedes (1977), referente a um trabalho de campo, realizado com operários da fábrica têxtil Bangu, e colhido na década de 70. Verifica-se que na história da fábrica e a maneira como o futebol nela se inseriu, o futebol demonstrava ser, uma atividade fundamental para a compreensão do modo como os operários se posicionavam em relação às camadas dominantes e do modo como se colocavam na cidade do Rio de Janeiro.

A relação, trabalho sendo substituído pelo futebol, é na verdade, uma relação de mão dupla, assim como nas outras, já conhecidas, substituições. O futebol ao se contrapor ao trabalho, poderia estar compensando o esforço do trabalhador e tornando mais aturável o próprio trabalho; ou, substituindo-o completamente num ato de rebeldia e de expressão da necessidade de liberdade. A música popular acompanharia também esse movimento duplo: Wilson Batista foi um dos compositores que mais abordou o tema Futebol, nos anos 40. E quase sempre sob uma ótica transgressora no que diz respeito ao principal mandamento do governo Vargas: o trabalho. E exaltando, portanto, a "malandragem". Vejamos:

Vamos lá que hoje é de graça/ No boteco do José/ Entra homem, entra menino,/ Entra velho, entra mulher/ É só dizer que é vascaíno/ E que é amigo do Lelé./ Solta foguetes/ Até de madrugada/ Canta-se o fado/

Bebendo a champanhada/ Segunda-feira só abre/ Por insistência/  
Quando o Vasco é campeão/ Seu José vai à falência. (*No Boteco do José* - Wilson Batista e Augusto Garcez - 1946)

Outra composição de Wilson Batista que se tornou uma ode contra o Trabalho é “*O Bonde São Januário*” (*O bonde são Januário/ Leva mais um operário/ Eu que não vou trabalhar*). Mas, para ser gravada, teve que ser mudada, após a censura do Departamento de Imprensa e Propaganda do governo Vargas, o DIP; e a letra ficou assim: “*O bonde São Januário/ Leva mais um operário/ Sou eu que vou trabalhar*”, invertendo completamente a intenção original para se adequar à ideologia do aparelho repressor. Mais tarde, coincidentemente, essa mesma melodia serviu também para uma paródia entoada pela torcida do Flamengo: “*O bonde São Januário/ Leva um português otário/ Pra ver o Vasco apanhar*”.

"Operário" e "otário" permaneceram no inconsciente coletivo que ligou a letra original e esta versão, apesar da alteração exigida pelo DIP. Era um sinal de que além das paixões, o futebol também passava a ser um canal para a expressão de críticas sociais. Passava a ser um espaço político, ocupado o máximo possível pela ideologia varguista. O futebol agora também substituía um novo imperativo, a premência ou prepotência do trabalho. Faltar no trabalho depois da derrota do time era desaprovado, mas não era visto com estranheza. Trabalhar com mais prazer após as vitórias também não. Um "estudo de alerta" do fim de 1960, realizado por Antônio Euclides Teixeira (apud LEVINE, 1969), oferece evidências para esta posição: "Foi demonstrado que a produção industrial em São Paulo subiu 12,3% nas semanas em que o Corinthians venceu e que acidentes de trabalho aumentaram 15,3% quando ele perdeu" (p. 154-155). Cada vez mais, organizar e premiar os times campeões passou a ser uma importante tarefa do Estado.

### **1946 a 1964: O futebol substituindo as grandes personalidades**

No fim da Segunda Guerra Mundial, o futebol tornava-se uma indústria nacional, fortemente regulada pelo governo. Jornais e rádios continuaram a manter e aumentar sua popularidade. A urbanização produziu uma grande mudança: enquanto a diretoria permanecia um campo sagrado das elites, os associados eram da classe média, que foram atraídos ao clube por suas atividades sociais (bailes de carnaval, restaurantes, piscinas) e pelo “status” a eles oferecido pela primeira vez. Os associados passaram de algumas centenas a milhares no início dos anos quarenta, e uma geração depois o Flamengo tinha 65.000 e o Corinthians 150.000 associados. O futebol não só abriu espaço para a classe média, mas também a afetou muito o público: despertando interesse, produziu a lealdade nos grupos, o sentido de diversidade dentro da cidade e elos horizontais entre grupos em uma sociedade dominada por laços hierárquicos e verticais. Ao mesmo tempo, no fim dos anos 40, o esporte brasileiro, resguardado do impacto terrível da Segunda Guerra que atingiu o esporte europeu, encontrou-se à beira da supremacia internacional. É quando se dá um novo movimento dentro do futebol; o do culto às grandes personalidades.

Por todo o mundo, o populismo dos políticos e a onda crescente de concursos nacionais e internacionais, com prêmios conferidos à artistas e intelectuais, como por exemplo, o *Oscar* e o *Prêmio Nobel*, fizeram surgir uma crença cada vez maior de que os novos rumos mundiais seriam dirigidos ou apontados por grandes personalidades ou grandes intelectuais e artistas. As biografias dos “grandes nomes” viram moda em todo o mundo, ao mesmo tempo que a industrialização acelerada torna cada vez mais indistinta a massa de trabalhadores, que estão por sua vez, mais dependentes de

"grandes líderes". Porém, a nossa sensação de grandiosidade frente ao mundo, não estava apenas em artistas como Carmem Miranda, mas, sobretudo, no futebol. E era preciso provar isso ao mundo inteiro! O Brasil deu Boas-vindas à Copa do Mundo de 1950 no Rio de Janeiro construindo o maior estádio do mundo, com capacidade total para 220.000 espectadores, por isso a derrota desastrosa frente ao Uruguai, ficou digerida como uma verdadeira traição. No fim da década, contudo, o futebol brasileiro era universalmente caracterizado pela excitação e elegância e se tornara definitivamente o orgulho nacional. Uma sucessão de famosos negros - Fausto, Leônidas, Domingos da Guia, Tim, Jair, Zizinho, Didi, Pelé e muitos outros conduziram o esporte brasileiro à fama internacional, além de consolidar a imagem positiva da miscigenação brasileira.

O ingresso da Televisão, em 1950, reforça a lista de fenômenos que levaram o sentido do futebol nacional para outra etapa. Nela, o Brasil, um país com grandes dificuldades de projeção internacional, tenta por todos os meios exaltar seus grandes nomes. É a época dos "heróis", e a música vai cuidar do clima de exaltações:

Gol de Baltazar/ Salta, Cabecinha, / Um a zero no placar. / O  
Mosqueteiro/ Ninguém pode derrotar/ Carbone é o artilheiro/  
Espetacular/ Cláudio, Luisinho e Mário/ Julião, Roberto e Idário,  
/Homero, Olavo e Gilmar/ São onze craques/ Que São Paulo vai  
Consagrar/ Gol de Baltazar  
(*Gol de Baltazar*, Alfredo Borba - 1954)

Mané, Garrincha!/ Mané, Garrincha!/ Até hoje o meu peito se  
expande/ Mané que venceu lá na Suécia, / Mané que nasceu em Pau  
Grande .  
(*Mané Garrincha*, Alfredo Borba - 1958)

Eu sou um torcedor/ Do velho Mengo/ Enfrento chuva/ Enfrento sol/  
Não faço dengo/ Seja de noite/ De tarde ou de manhã/ Seja em Bangu/  
Em Bonsucesso/ Ou no Maracanã/ Não faço dengo/ (...)/ Vou ver  
Dequinha,/ Algodão e Rosinha/ Eu moro longe/ Mesmo assim não  
faço dengo/ Uma vez Flamengo/ Sempre Flamengo. (*Torcedor do  
Mengo*, Luiz Dantas e Blecaute - 1955)



A Vitória do Brasil em 58 mexeu de maneira muito forte com o orgulho nacional, como se a vitória no esporte representasse uma súbita confirmação de uma superioridade antes insuspeita ou apenas almejada, e ainda relacionada à velhos preconceitos enraizados, como a noção de raça:

Verde, amarelo, cor de anil/ São as cores do Brasil/ Vencemos o mundo inteiro/ Maior no futebol é o brasileiro/ Salve a CBD, / Jogadores e diretores/ Salve a raça varonil/ Campeão do mundo, Brasil. (*Verde, amarelo*, Alfredo Borba - 1959)

A conquista na Suécia em 1958 vai encontrar, portanto, grande correspondência na criação dos compositores populares. A nova época foi simbolizada pela eletrizante figura de Pelé, idolatrada no Brasil desde o momento que adentrou os campos, aos 17 anos, na Copa de Estocolmo, em 1958. Somente sobre ele, até o início dos anos 60, foram compostas mais de vinte músicas. O aparecimento de Pelé como ídolo coincidiu com as ambições internacionais do futebol brasileiro e com a aceitação da elite em celebrar os atletas negros como orgulho nacional. Com numerosas biografias publicadas, Pelé estava consagrado o “rei do futebol” com súditos nos quatro cantos do mundo. Nesse momento constrói-se a “figura Pelé” para o consumo de massas. Ele é pintado como “o moreninho bonzinho” que, embora tenha deixado a escola, “subiu” na vida por ter respeitado cegamente todas as regras estabelecidas.

Em um ensaio sobre a cultura popular, Marilena Chauí (1989) mostra que “a pobreza não é vivida apenas como uma humilhação, mas como culpa. Ser pobre é ser culpado” (p. 123). É nesse sentido que o moralismo sobre a figura de Pelé apresenta uma função histórica: a confirmação da dominação, através da culpa de ser pobre. O cigarro, a bebida e a prostituição passam a ser descritos não como decorrentes da sociedade pobre, e, portanto, como um produto natural de falhas individuais. No futebol, o conceito de brasilidade, aliás, vai aos poucos se prestando eficientemente ao

discurso de acomodação. Sobre Garrincha, foram dez canções, que em geral, se aproveitavam do clima de euforia que dominava o povo. Já no Carnaval de 1959, duas marchinhas vão fazer alusão aos feitos da Garrincha; uma delas é a já citada “*Mané Guarrincha*”, que foi construída de forma a permitir a adulteração pelos foliões dos versos: *Mané que venceu lá na Suécia / Mané que nasceu em Pau Grande (...)*. A outra exaltava a conquista mas com um registro crítico da situação do País, que vivia assoberbado pelas crises de abastecimento; E aí as coisas mudavam de tom:

Vai tudo bem/ Pelo lado de cá/ Pelo lado de cá/ O que é que há/ Não há água/ Nem leite, nem pão/ Carne não se come/ Faz baixar a pressão/ O café vai de marcha-a-ré/ Em compensação/ O Brasil foi campeão.

(*Vai tudo bem*, Antônio Almeida e José da Costa - 1959)

As críticas às políticas nacionais, ultrapassando a esfera do trabalho, seguiram crescendo pelo menos até 1964, quando num novo período ideologicamente repressor se estabelece com o Golpe Militar.

### **1964 a 1979: O futebol substituindo a revolta social**

Único país a chegar às finais da Copa do Mundo em cada campeonato, desde o começo das séries, em 1930, o Brasil atingiu o auge do sucesso internacional entre 1958 e 1970, quando tornou-se a primeira nação a ganhar três campeonatos (1958, 1962, 1970) permanecendo com a taça Jules Rimet. Durante esse período, os salários dos mais famosos entre os 6.000 atletas brasileiros profissionais, chegavam a níveis internacionais. Os seguidores da teoria do ópio, a que nos referimos no início desse trabalho, enfatizam o papel dos esportes como um bálsamo para as ansiedades produzidas no capitalismo. O futebol, afirmam eles, funciona como um agente refreador, oferecendo à classe mais baixa, cuja posição econômica decaiu desde 1964,

um ilusório substituto de sucesso, um ponto fugidio de identificação com as breves estrelas da esfera futebolística. O futebol tido já como uma entidade política, começa a substituir também os desejos e os medos em relação a uma Revolta social. Tendência à qual, o governo militar soube dirigir muito bem.

O ambiente que precedeu a Copa do Mundo em 1970 fornece o melhor exemplo de como o futebol foi usado para emprestar legitimidade política ao governo. Depois da época de impopularidade seguinte à intensificação da repressão em 1968, o presidente General Garrastazu Médici começou a angariar a simpatia do popular, assistindo aos jogos do Flamengo quase semanalmente e participando pessoalmente na escolha da seleção e no treinamento da equipe nacional. Despediu, ele próprio, o famoso treinador João Saldanha e, à medida que os jogos aconteciam, ia predizendo as vitórias brasileiras. Quando a seleção, finalmente, venceu a Copa, a equipe voou diretamente do México para Brasília, onde foi pessoalmente recepcionada por Médici no Palácio do Planalto. Dois dias de celebração nacional (com festejos carnavalescos) marcaram o campeonato como uma afirmação das aspirações brasileiras à grandeza e também como a consagração e vitória do regime militar.

O futebol passou a representar um dos pilares centrais de sustentação ideológica para o regime militar. Canções foram especialmente compostas para a exaltação do futebol nacional. Destas, algumas das mais famosas foram: “A Taça do Mundo É Nossa” - Maugeri, Dagô e Lauro - marcha comemorativa das copas de 58 e 62; “Pra Frente Brasil” - Miguel Gustavo - Hino da Copa de 70; “70 neles” - Antônio Edgard Gianullo e Vicente de Paula Salvia; ‘Meu Canarinho” - Luiz Ayrão e Sidney da Conceição; Gôôôô-ol! Brasil!!” - Paulo Sérgio Vale, Maneco Lara, Rene e Eduardo Souto (com Os Incríveis). Em 1970, na letra de Miguel Gustavo, para a música que se

tornou pano de fundo de toda a Copa de 70, ocorre uma das mais perfeitas traduções da idéia de “comunhão” dos brasileiros. Diz a letra: "*Parece que todo o Brasil deu a mão*". Intensamente divulgada pelas rádios e televisões nesta Copa, transformando-se, com a espetacular conquista do tri-campeonato, numa espécie de Hino permanente da “unidade na diversidade”. A compulsória incorporação de toda a população entre os torcedores, unidos pelo mesmo objetivo. O que na época Vargas pareceu um sonho, agora, diriam, era realidade.

A ação foi tão compensadora que, tendo se apossado das preparações para a Copa de 1970, o regime logo depois se apossou da própria CBD. Esta foi "dada" a um Almirante, Heleno Nunes, também presidente do partido político mais à direita (ARENA) do Rio de Janeiro. Muitos reclamaram das mudanças, mas simplesmente não eram atendidos. A experiência de manipulação do futebol, não era exclusiva do Brasil. Juan Perón foi um dos dirigentes que já havia usado o esporte para exacerbar o nacionalismo; O regime militar argentino, dos anos 70, também se arriscou, ao sediar a Copa do Mundo de 1978, em meio a uma crise política, mas conseguiu evitar as esperadas demonstrações de repúdio ao governo, "limpando", de certa forma, sua imagem. Nossos heróis, antes símbolos de projeção do elemento popular passavam, de certa forma, a fazer a vontade da elite dirigente: Quando um jornalista estrangeiro perguntou à Pelé se tinha pena dos infelizes favelados, Pelé caracteristicamente respondeu que Deus os havia feito pobres; a eles Deus dera a grandeza atlética para que levasse alegria aos menos afortunados. Inquirido, em uma entrevista à jornalista Amália Barran do periódico *La Opinion* de Montevidéu, em 1972, sobre a ditadura militar em seu país, Pelé respondeu: “Não há ditadura no Brasil. O Brasil é um país liberal, uma

terra de felicidade. Somos um povo livre. Nossos dirigentes sabem o que é melhor para nós, e nos governam com tolerância e patriotismo” (apud: LEVINE, p.35)

Os livros de educação cívica para escolas de crianças invariavelmente incluíam o retrato de Pelé, não só como exemplo de herói, mas também para enfatizar o trabalho em equipe, assim como as virtudes da hierarquia. Sua imagem não foi abalada nem quando Pelé partiu para os EUA, para jogar no Cosmos, em troca de um contrato milionário, gerando críticas entre fanáticos brasileiros; e nem mesmo quando da sua separação com a esposa em 1977. Pelé nunca conclamou os negros ou os pobres a aspirar ao sucesso que ele tinha conseguido, suas mensagens se encaixavam claramente nos valores sociais que prevaleciam na sociedade brasileira. E enquanto Mohamed Ali, então Cassius Clay, recusava o alistamento no exército americano, Pelé o criticava publicamente, lembrando seu próprio serviço militar. Mas a história de outro jogador representa um padrão totalmente diferente: Afonsinho, um atleta branco, tornou-se um caso célebre por ser o primeiro futebolista a desafiar o sistema. Estudante de medicina da classe média e excelente jogador do Botafogo, Afonsinho iniciou um processo legal em 1974 no Ministério do Trabalho pelo direito de negociar seu próprio contrato e de jogar para clubes de sua própria escolha. Vitorioso na Justiça passou de time para time, alugando seus préstimos por seis meses de cada vez e propagando abertamente os direitos dos atletas profissionais de se tornarem agentes livres. Considerado "fanfarrão", ele organizou uma equipe de protesto chamada a "Frente da Alegria", um conjunto de profissionais (muitos já ultrapassados), inconformados como ele, e aspirando a uma liga de jovens promissores em busca de publicidade. Como um articulador branco, foi tolerado, ainda que fosse declarado pessoa não grata em seu time de origem e afastado da Copa de 1974. Em certa ocasião jogou com Pelé no Santos, uma estranha

combinação de dois símbolos do mundo do futebol. À ele dedicaria, Gilberto Gil, o seu apoio:

Prezado amigo Afonsinho/ Eu continuo aqui mesmo/ Aperfeiçoando o imperfeito/  
Dando um tempo, dando um jeito/ Desprezando a perfeição/ Que a perfeição é uma meta/ Defendida pelo goleiro/ E eu não sou Pelé, nem nada/ Se muito for eu sou um Tostão/ Fazer um gol nessa partida / Não é fácil, meu irmão/ Entrou de bola e tudo... (*Prezado Amigo Afonsinho* - Gilberto Gil, 1975).

A questão da revolta ficava implícita (*desprezando a perfeição/ Que a perfeição é uma meta*), disfarçada contra a turma da repressão, assim como já fizera, antes dele, muitos outros compositores afinados com os ideais da "música de protesto". Exemplos: "Bom Tempo" - Chico Buarque; "Meu Caro Amigo" - Chico Buarque; "De Frente Pro Crime" - Aldir Blanc e João Bosco; "Meu Olho de Lança Fere" - Aldir Blanc e João Bosco; "Wanderlei e Odilon" - João Bosco; "Beto Bom de Bola" - Sérgio Ricardo; "Chico Brito" - Paulinho da Viola; "Kid Cavaquinho" - Aldir Blanc e João Bosco. Ao lado das canções de caráter ufanista que proliferaram pelas décadas de 60 e 70, assistimos também uma geração de canções, que agiam na direção contrária das primeiras. Suas homenagens aos jogadores se dirigiam apenas à esfera de um ser humano, e não a de "glórias nacionais".

No caminho da oficina/ Há um bar em cada esquina/ Para você comemorar/ Sei lá o quê/ Sei que alguém vai sentar junto/ Você vai puxar assunto/ Discutindo futebol / (...) (*Com Açúcar e Com Afeto*, Chico Buarque - 1966)

Já chorei sentido/ De desilusão/ Hoje estou crescido/ Já não choro não/ Já brinquei de bola/ Já soltei balão/ Mas tive que fugir da escola/ Pra aprender essa lição/ (...) (*Meu Refrão*, Chico Buarque - 1965)

No compasso do samba/ Eu disfarço o cansaço/ Joana debaixo do braço/ Carregadinha de amor/ Vou que vou/ Lá no alto/ Pela estrada que dá numa praia dourada/ Que dá num tal de fazer nada/ Como a natureza mandou/ Vou/ Satisfeito, a alegria batendo no peito/ O radinho contando direito / A vitória do meu tricolor/ Vou que vou (...) (*Bom Tempo*, Chico Buarque - 1968)

No Brasil, essa relação de substituição, o futebol tornando conformado o indivíduo, vai se enfraquecer muito rapidamente, com a apresentação inesperadamente tímida da seleção na Copa de Munique em 1974, quando a seleção brasileira mal dirigida e sujeita a enorme pressão interna chegou a fingir contusões. Para a Copa seguinte, a de 1978, a CBD escolheu Cláudio Coutinho como treinador. Coutinho, um capitão reformado do Exército, era um preparador físico que descrevia seus jogadores à imprensa como uma “unidade levemente armada” e chegava a adornar seus campos de treino com símbolos patrióticos e bandas militares. Os membros da equipe, que a essa altura tinham se tornado bem agressivos a este tratamento, aproximaram-se então da rebelião; mas foram mantidos longe da imprensa por guardas e tinham ordens de não fazer declarações desautorizadas, sob pena de suspensão. Paulo Cesar Lima, um atleta negro que fora o primeiro jogador a usar o cabelo “black-power” e a queixar-se publicamente do racismo brasileiro foi sumariamente dispensado da equipe. O desempenho na Copa do Mundo da Argentina, em 1978, com a seleção brasileira jogando um mecânico jogo defensivo (muito diferente daquela ginga malandra definida por Gilberto Freyre como um timbre nacional), conseguiu apenas alguns empates e foi, por regulamento, eliminada nas finais. Incrédulos diante dos acontecimentos e diante da esmagadora vitória da Argentina sobre o Peru que lutara para ficar até as finais, o público brasileiro, quase em estado de choque, entrou num clima de descrença total. O futebol definitivamente não servia mais para a manutenção de manipulações políticas.

Não podemos dizer que é acertada a afirmativa de que o futebol representou apenas o ópio alienante a serviço do regime militar. Para cada argumento a favor do futebol como circo, outros podem ser contrapostos credenciando o esporte como fator

da maior autenticidade local e de redução de hostilidades entre classes (ou de transferência dessa hostilidade, no mínimo, a um nível menos perigoso, na forma de um jogo de Fla x Flu). Além disso, para o público em geral o futebol fornecia uma possibilidade de integração para certas regiões ainda muito isoladas no contexto nacional. A primeira cadeia de telecomunicação entre o Norte do Brasil e o progressista Centro-Sul foi realizada, através da rede de satélites, no início da Copa do mundo de 1970. Até mesmo as mulheres, que historicamente foram mantidas à distância do futebol para não serem expostas à linguagem ofensiva e às agressões físicas comuns nos jogos, se integraram como torcedoras em nível de Copa do Mundo, pois essa estava depurada pela televisão. (É preciso lembrar, no entanto, que nas cidades menores e vilas, as mulheres, tradicionalmente, não se afastaram do futebol, sendo sempre torcedoras fervorosas das equipes locais). A loteria esportiva semanal, introduzida pelo regime em 1970 para capitalizar o “ilegal” jogo do bicho, forçou os torcedores a estudarem as perspectivas das equipes no país inteiro, conscientizou-os da geografia e contribuindo em larga escala para quebrar o provincianismo regional tradicional. O sucesso da loteria também revela a extensão das esperanças de que o futebol pudesse transformar pobres em milionários. O futebol satisfazia assim, em várias vertentes a necessidade de revolta social. O futebol era ao mesmo tempo a catarse e a mordada da revolta e a música acompanhou esses movimentos.

De qualquer forma, a partir de 1978, ocorre a grande inversão: uma impressão generalizada de decadência inexorável do futebol brasileiro, que coincide com o cada vez maior descontrole na esfera econômica nacional. Joel Rufino dos Santos é um historiador que, num artigo para a revista *Encontros com a Civilização Brasileira* de 1978, vai procurar uma explicação histórica para a decadência do futebol brasileiro na



ação política. Para ele, uma "ponte", ligando os oprimidos aos opressores, fora cortada com o golpe de 64, desfazendo a aliança entre a classe dirigente e o povo; o insucesso, portanto se devia ao fato de que "a burguesia agora apenas explora e o povo não joga". (p. 127). Em termos de campeonatos internacionais, os brasileiros tinham razão em acreditar no declínio do futebol brasileiro. Mas em nível interno, a identificação da população com o futebol, em número, só aumentava. Provas disso são os cadernos cada vez maiores dedicados ao esporte, que vão sendo encartados em todos os jornais, e a transmissão dos jogos locais ocupando o horário nobre da TV. Na prática, o futebol seguia na conquista de mais um campo de carências, o da afirmação do individualismo.

### **1980 a 1990: O futebol substituindo o indivíduo**

O futebol, no modo como foi apresentado cotidianamente no Brasil pela imprensa esportiva das décadas de 80 e 90, demonstra, a volta da tese da *imaturidade* dos jogadores e a necessidade de orientação para o esporte. O jogador de futebol, metonímia do povo brasileiro, é visto muitas vezes como um irresponsável e poucas vezes como "verdadeiro" profissional. Nesse sentido observamos que os próprios atletas vão se individualizando. Jogadores tais como Romário, descendem de uma longa linhagem de jogadores classificados como rebeldes. Joel Rufino dos Santos (1978) desfia alguns nomes de uma extraordinária lista, onde, acentua, que seria comprida demais para ser completada: "Feitiço, Fausto, Jaguaré, Leônidas, Zizinho, Didi, Jair, Heleno, Almir, Paulo César, Reinaldo, Marinho Chagas..." (p. 128).

Agora, não mais os projetos sociais, mais a luta individual pela sobrevivência ganha espaço e evidência. O que ocorre é que, já com torcidas organizadas com uniformes e hinos próprios, os times, e não mais apenas a Seleção, passam a representar

mais do que uma simples identificação de paixão, para se tornarem um fator essencial na sensação de realização pessoal do indivíduo. Ter um time de predileção e sofrer com ele suas desventuras nos campeonatos passa a substituir a necessidade de uma dinâmica de realização pessoal que, na verdade, vem sendo cada vez mais limitada ou coagida à medida que, paradoxalmente, é também incentivada. Vemos, nestes casos, o futebol substituindo o reconhecimento do indivíduo pela sociedade, e vice-versa. Uma profusão de campeonatos permite "saber falar sobre futebol", e acompanhar suas discussões se tornou atividade quase que obrigatória para muitos brasileiros, que chegam a crer realmente que a presença ou não de um jogador como o Romário ou Ronaldinho na Seleção (de 2002) era assunto merecedor de infinitas manchetes das primeiras páginas dos jornais por muitas semanas. A identificação total do indivíduo com o futebol faz com que as vitórias e derrotas no esporte substituam as suas próprias; ou seja, a sua necessidade de sucesso individual, exigida não só por ele mesmo, mas também por toda a sociedade neoliberal. Para isso, o aficionado aprende o que pode sobre o time e garante assunto para uma conversa comum em qualquer lugar que freqüente. Alguns colocam o esporte acima de suas próprias prioridades. Desta forma, a identificação com esta atividade aumenta, ou, como estamos a afirmar aqui, mais uma carência passa a ser suprida pelo futebol: a de emoções existenciais. A carência gerada pela definição cada vez maior dos limites para o indivíduo. Observamos, por exemplo, que um certame qualquer se torna capaz, nas décadas de 80 e 90, de determinar verdadeiras guerras (entre torcidas) ou, ao mesmo tempo, proporcionar a outros, diferentes níveis de realizações pessoais ou "pacificações psicológicas" individuais, em escalas antes nunca sonhadas.

Novamente um processo de mão dupla passa a envolver o futebol e é refletido pela música popular. As letras das canções vão naturalmente refletir essa nova substituição do futebol, derivada de uma profunda identificação com o time. Vamos acompanhar um pouco esse processo:

Mulher, aí mulher,/ Você não precisa me esperar/ Eu vou chegar fora de hora/ Pois hoje o Corinthians vai jogar/ Eu e o Juca já tratem/ Depois do trabalho nós vai lá/ Onde está o Corinthians nós estemo/ Estemo firme no cimento da gera/ A gente come um pastel lá no chinês/ Ou divide um peito de peru/ Toma umas cervas pois num dá pra beber três/ E se arranca pro Pacaembu/ Mulher, não esqueça a porta aberta/ E deixe a minha bóia no fogão/ Eu volto, só não sei a hora certa/ Volto enrolado na bandeira do Timão  
(*Timão Maravilha* - Bráulio de Castro e André Paulo Gobbato Ortega)

A vida do indivíduo, seus compromissos e até sua alimentação, se tornam menos importante que o jogo no Pacaembu. É lá que ele pode se orgulhar de si mesmo. (*Volto enrolado na bandeira do Timão*).

O povo calado/ Se engasga na mesma emoção/ O gol que não sai/ Parece que prende a respiração/ Um aperto no peito/ O silêncio ao redor/ As mãos pelas calças/ Secando o suor/ A nega safada/ Fugiu com o Bento/ A dor se apaga/ Num foul violento/ É logo esquecido / O baixo ordenado/ Com a bola raspando / Num tiro cruzado/ E driblou a dor/ O doutor, o patrão/ É herói da nação/ Entrou pela área/ Pegou de voleio/ Fez um carnaval/ Explode no campo/ A marca do craque No tiro fatal/ Daí então/ Tudo mudou/ Virou alegria /A vida do trabalhador  
(*Artista do Povo*, Rildo Hora e Sérgio Cabral)

Vemos aí, numa única letra, todas as substituições às quais estamos a relatar. O futebol suprindo o indivíduo de carências geradas: por seus impulsos violentos, por sua insatisfação no trabalho, pelo desejo de sublimação da repressão social cotidiana e, sobretudo, de necessidade de emoção.

Os caras que gostam de futebol são violentos/ eu não gosto tanto por que sempre quando jogo me xingam de perebento/ e quando eu digo que a de fora é minha acabam com o jogo / me tratam como cão sarnento/ eu não tenho a perna arcada eu Não tenho a coxa torta / e nem por isso eu Não vou ser coringa da pelota?/ eu Não gosto de funk

eu Não gosto de pagode/ mas com uma bola no pé comigo ninguém pode,/ os caras que gostam de futebol.../ o futebol Não vai acabar com minha vida / e eu queria ser um craque/ Não me querem na torcida organizada do meu time de coração / eles dizem que eu Não passo boa vibração/ minha maior frustração depois de nunca ter comido um pouco de sucrilho/ é que meu pai nunca viu um gol de placa feito pelo coice do seu filho/ que não fosse na rede do seu próprio time / meu Deus! eu peço perdão pelo delito de ser um perna-de-pau/ um perebento no país do carnaval/ agora eu sei que eu vou correr atrás da bola/ o futebol é tudo que eu quero / minha vida não vai ser um zero a zero.

(*O futebol* - Letra de Marco Homobono, álbum "Raiva Contra Oba Oba" do grupo Los Djangos)

Eu não sou eu/ Eu não sou de ninguém/ Você não é minha/ Eu não tenho ninguém/Nós somos livre/ Independente futebol clube/ Você não manda em mim/ Eu não mando em você/Eu só faço o que eu quero/ Você só faz o que quer Nós somos livres/ Independente futebol clube/ Se a gente tá assim/ Comendo capim/ É porque a gente quer/ E se não quiser/ Nós somos livres/ Independente futebol clube (*Independente Futebol Clube*. Roger - *Ultraje a Rigor*)

Essas distintas e complexas relações de identificação do indivíduo com o futebol vêm se acentuando ao longo dos últimos anos, num reflexo da crescente afirmação mundial do sistema econômico neoliberal. Apenas coincidência? Novos estudos se fazem necessários para a confirmação dessas teorias. Outras músicas precisam ser analisadas, outros conceitos precisam ser revistos ou confirmados. Mas é esse em suma, o resultado dessa pesquisa.

## **Conclusões**

Nos dias de hoje, os estádios nos grandes jogos, são divididos militarmente entre as duas torcidas para se evitar o conflito permanente; a própria integridade física dos atletas e árbitros periclita nos gramados; Muitas vezes vemos um festival de brutalidade, sobretudo nas gerais, onde se acrescenta a fúria verbal dos palavrões e obscenidades aos gritos ou em coros retumbantes. Que explicação se poderia dar para essa crescente violência no futebol? Juarez Soares (da TV e Rádio Globo) disse, por sua vez, que: “A

violência é fruto da situação social dos indivíduos que, ganhando mal, tendo dificuldades familiares, desconforto social, desagrado no emprego, sendo obrigados a entrar nas filas dos estádios, pagam caro os ingressos, situam-se apertadamente na assistência, têm implicitamente todas as razões para “explodir”. (...) O dia em que o torcedor ganhar bem, estiver bem alimentado, satisfeito socialmente, terá condições de cumprimentar o adversário” (SHIRTS, 1982, p. 87). Mas, não podemos concordar totalmente com essas afirmações: O “corinthianismo” a partir de 78, envolvendo pessoas de destaque e massas humanas, como o frenesi do tricampeonato mundial e o “flamenguismo” no Rio, ao lado de outras manifestações semelhantes estão a indicar uma falta de opções para o exercício da emoção coletiva ou da presença de uma “válvula de escape” para as tensões da vida atual. Essas tensões foram sendo cada vez mais aliviadas pelo futebol ao longo do desenvolvimento do esporte pelo século XX.

Nas ciências sociais no Brasil, até recentemente, muito pouco se refletiu a respeito das dimensões sociológicas, culturais e políticas de uma série de fenômenos que as teorias hegemônicas, em especial, certas leituras do marxismo, relegaram ao segundo plano, como objetos empíricos residuais, cuja compreensão em nada acrescentaria como o foi o caso do futebol. Desta forma, as questões que poderiam ser sugeridas pelas análises do enorme espectro de representações e relações sociais colocadas em operação pelo futebol no Brasil, permaneceram estranhas à academia até, pelo menos, a década de 70, limitando-se a algumas raras incursões isoladas ou a compor lateralmente análises mais amplas que buscavam interpretações da realidade brasileira. Somente nos últimos anos, sociólogos, antropólogos e historiadores começaram a se colocar sistematicamente como interlocutores neste campo.

Pelos motivos expostos afirmo que o futebol foi, durante as décadas do século XX, ocupando “espaços” gerados por um número crescente de carências psicossociais. A produção musical referente a cada um dos períodos analisados demonstra essa afirmação e explica em parte o real papel do futebol e sua crescente popularidade. Novos estudos se fazem necessários, no entanto, para a ampliação das implicações dessa afirmativa. Acredito que, ao final dessa pesquisa, poderemos completar uma leitura coerente à respeito do fenômeno de popularidade que é hoje em dia o futebol no Brasil, para isso é ainda necessária a continuidade e a expansão desse trabalho numa segunda etapa.

### **Referências**

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Editorial Presença: Lisboa, 1970.
- BARBOSA, Livia. *O jeitinho brasileiro: A arte de ser mais igual que os outros*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz Ltda., 1979.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- COSTA, Francisco. “O Futebol na ponta da caneta” In: *Revista USP* N° 22 (jun/jul/ago) - Dossiê Futebol. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994, p. 84-91.
- COSTA, Flávio M. (org.) *Onze em campo e um banco de primeira*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- DA MATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP*, São Paulo: n° 22, jun./ago.1994, pp. 10-17.
- \_\_\_\_\_. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- DA MATTA, Roberto et al. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

FERNÁNDEZ, Maria do Carmo Leite de Oliveira. *Futebol - fenômeno lingüístico: análise lingüística da imprensa esportiva*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica e Ed. Documentário, 1974.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1977.

FREYRE, Gilberto. *Novo mundo nos trópicos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional e USP, 1971.

\_\_\_\_\_. Prefácio à primeira edição de: *O negro no futebol brasileiro*, de Mário Filho. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964, p. vii-ix.

FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na Civilização*. São Paulo: Ed. Abril. Os Pensadores. 1974.

GUEDES, Simoni Lahud. *O Futebol brasileiro: instituição zero*, 1977. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977.

\_\_\_\_\_. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense (EDUFF), 1998.

HELAL, Ronaldo et al. *A Invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HERCHMANN, M. e LERNER, K. *Lance de sorte: o futebol e o jogo do bicho na belle époque carioca*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.

LEVINE, Robert M. Esporte e sociedade: O Caso do futebol brasileiro. In: MEIHY, José Carlos S. B.; WIT, José Sebastião (Orgs). *Futebol e Cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial, Arquivo do Estado, 1982, p. 21-44.

LINHARES, Maria Yedda Leite; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Terra prometida*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1999.

LOPES, José Sérgio Leite. A Vitória do futebol que incorporou a pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. São Paulo: *Revista USP*, nº 22, jun./ago. de 1994, p. 64-83.

LYRA FILHO, João. *Introdução à sociologia dos esportes*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército e Ed. Bloch, 1973.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Para que serve o futebol ? In: MEIHY, José Carlos S. B.; WIT, José Sebastião (Orgs). *Futebol e Cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial, Arquivo do Estado, 1982, p. 11-19.

PANZERI, Dante. *Futebol, dinamica de lo impensado*. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1976.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro - 1902 - 1938*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2000.

RODRIGUES, Nelson. *À Sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993 (Seleção e notas de Ruy Castro).

\_\_\_\_\_. *A Pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994 (Seleção e notas de Ruy Castro).

RODRIGUES FILHO, Mário. *O Negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1946.

\_\_\_\_\_. *O Negro no futebol brasileiro*. 2ª ed. Ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

SANTOS, Joel Rufino dos. Na CBD até papagaio bate continência. In: *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro: nº 5, nov. 1978, p. 127.

SHIRTS, Matthew G. Futebol no Brasil ou football in Brazil? In: MEIHY, José Carlos S. B.; WIT, José Sebastião (Orgs). *Futebol e Cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial, Arquivo do Estado, 1982, p. 87-99.

WITTER, J. S. Futebol... futebol. In: MEIHY, José Carlos S. B.; WIT, José Sebastião (Orgs). *Futebol e Cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial, Arquivo do Estado, 1982, p. 75 – 86.

\_\_\_\_\_. Futebol - um fenômeno universal do Século XX. In: *Revista USP*, São Paulo, v. 58, 2003, p. 161-168.

ZALUAR, Alba. *A Máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZÍLIO, Carlos. *A Querela do Brasil: a questão da identidade da arte brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Relume-Dumará, 1997.